



Centro Universitário de Brasília – Uniceub
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso de Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo
Disciplina: Monografia
Professor orientador: Luiz Cláudio Ferreira

ROSÁLIA OLIVIERI CAIXETA ALTOÉ

A PROSTITUTA, O MENOR DE RUA, O OPERÁRIO

**Uma apuração da obra de Chico Buarque como
cronista do cotidiano**

Brasília, outubro de 2007

ROSÁLIA OLIVIERI CAIXETA ALTOÉ
RA 991068/2

A PROSTITUTA, O MENOR DE RUA, O OPERÁRIO

**Uma apuração da obra de Chico Buarque como
cronista do cotidiano**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo Prof. Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília, outubro de 2007

ROSÁLIA OLIVIERI CAIXETA ALTOÉ

RA 991068/2

A PROSTITUTA, O MENOR DE RUA, O OPERÁRIO

**Uma apuração da obra de Chico Buarque como
cronista do cotidiano**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo Prof. Luiz Cláudio Ferreira.

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof.^a Cláudia Busato
Examinador

Prof. Sérgio Euclides
Examinador

Brasília, outubro de 2007

*Aos operários, prostitutas e meninos de rua,
especialmente aos que me permitiram
vasculhar a intimidade de suas vidas.
Dedico àqueles que me ensinaram a olhar
para os necessitados não com pena ou
medo, mas com compaixão e solidariedade.
Pai e mãe, devo tudo a vocês.
Por fim, dedico ao Cartola.*

AGRADECIMENTOS

Impossível nomear todos aqueles que foram importantes para que eu concluísse mais uma etapa da minha vida acadêmica. Quero expressar meus sinceros agradecimentos a minha família, responsável pelo que me tornei, e aos meus amigos, por gostarem e compreenderem o resultado, que sou eu. Aos professores, pelo conhecimento transmitido e pela paciência dispensada.

Luiz Cláudio, orientador dedicado e disponível, parte fundamental desta conquista, sintam-se como sua também. Ficam os projetos futuros e uma bela amizade vida afora.

Eliziane, André, Pai e Tio Gilmar, sem vocês eu não teria conseguido. Cada sugestão foi recebida com a humildade de quem conhece os próprios limites e se sente confortável com a preocupação e dedicação de vocês.

*“Como acalanto
Eu quero fazer silêncio
Um silêncio tão doente
Do vizinho reclamar
E chamar polícia e médico
E o síndico do meu tédio
Pedindo para eu cantar”*

Chico Buarque – *Agora
falando sério*

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal fazer um paralelo entre os problemas sociais identificados nas canções *Pedro Pedreiro*, *Geni e o Zepelim* e *O Meu Guri*, do compositor Chico Buarque, e a realidade confrontada nas ruas do Distrito Federal. Com isto, pretende validar a função deste compositor como agente ativo no processo de reivindicação, tendo como ferramenta a própria arte. Pela personificação de três cidadãos encontrados no Plano Piloto representando Pedro, Geni e Guri, protagonistas das músicas referenciadas, que por sua vez representam os migrantes, os profissionais do sexo e os meninos de rua, traz-se para o momento atual o teor de denúncia denotado das canções. Pelas entrevistas realizadas, foi possível relacionar histórias reais com as narradas por Chico Buarque, comprovando a hipótese de que a poesia é universal e atemporal, enquanto a notícia se repete. São considerados neste trabalho: a música de Chico Buarque; a realidade social do Distrito Federal, com ênfase para a classe baixa; a responsabilidade social do jornalismo; o trabalho de apuração desta pesquisadora para estabelecer a conexão entre os tópicos expostos.

PALAVRAS-CHAVE: Chico Buarque. Distrito Federal. Realidade social. Jornalismo.

ABSTRACT

This dissertation aims at tracing a parallel among the social problems identified in the songs *Pedro Pedreiro*, *Geni e o Zepelim*, and *O Meu Guri*, written by Chico Buarque, and the social reality of the periphery of the Federal District in Brazil. Its purpose, thus, is to validate the role of this song writer as an active agent in the process of social transformation, using his own art as a tool. Through the personification of three citizens of the Pilot Plan representing Pedro, Geni, and Guri, main characters of the referenced songs, who represent the migrants, prostitutes and street children, the denouncing content that is present in the songs is brought to today's reality. Interviews allowed for the correlation of real life histories with the stories created by Chico Buarque, which proves the hypothesis that poetry is universal and timeless, while news is repeated. In this analysis, the following elements are considered: Chico Buarque's music; the social reality of the Federal District, with emphasis on low socio-economic status people; the social responsibility of journalism; and the investigative work of this researcher to establish a link among the cited topics.

PALAVRAS-CHAVE: Chico Buarque. Distrito Federal. Social reality. Journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 VOU NA ESTRADA HÁ MUITOS ANOS SOU UM ARTISTA BRASILEIRO	14
1.1. É ASSIM COMO SE O RITMO DO NADA FOSSE, SIM, TODOS OS RITMOS POR DENTRO	17
2 DEVAGAR É QUE NÃO SE VAI LONGE EU SEMEIO VENTO NA MINHA CIDADE	22
2.1 VOCÊ INFELIZMENTE CONTINUA IGUAL FALA BONITO E PASSA FOME	25
2.2 TEM CERTOS DIAS EM QUE EU PENSO EM MINHA GENTE E SINTO ASSIM TODO O MEU PEITO SE APERTAR	28
3 EU SEI QUE O VIOLÃO ESTÁ FRACO, ESTÁ ROUCO MAS A MINHA VOZ NÃO CANSOU DE CHAMAR	30
3.1 PEDRO NÃO SABE, MAS TALVES NO FUNDO ESPERA ALGUMA COISA MAIS LINDA QUE O MUNDO	31
3.2 O SEU CORPO É DOS ERRANTES DOS CEGOS, DOS RETIRANTES	34
3.3 E NA SUA MENINICE, ELE UM DIA ME DISSE QUE CHEGAVA LÁ	39
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	48
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

A idéia de desenvolver um trabalho acadêmico que explorasse poesia, música popular brasileira e jornalismo surgiu desde o instante em que me vi frente ao desafio de selecionar um tema entre tantos possíveis para concluir a graduação.

Mesmo não provindo de uma família de aficionados pela arte, a música é uma constante na minha história. Em todos os momentos, de comemoração ou lamento, euforia ou tristeza, ou na mais simples ocasião do cotidiano, tenho registro de todos os momentos com um fundo musical, mesmo que fosse uma música sacra cantolada à capela pela minha avó materna enquanto preparava uma guloseima para agradar os netos.

A primeira decisão foi de que trabalharia com Chico Buarque, alvo de minha admiração desde que fui apresentada à sua obra, fato que se deu na minha infância e, portanto, quando eu era incapaz de absorver a complexidade das letras que cantolava enquanto o LP girava no toca-disco ou a fita cassete tocava de ambos os lados no som do carro.

Tendo resolvido estudar Chico Buarque, ainda tinha pela frente o desafio de encontrar uma vertente inovadora e que pudesse ser explorada no campo da comunicação social. O papel político da obra de Chico Buarque no contexto histórico de ditadura militar no Brasil; o reflexo e influência dos comentários, declarações e entrevistas de Chico Buarque e sua repercussão no cenário político e midiático; as facetas femininas representadas pelo compositor; análise de conteúdo das entrevistas concedidas por Chico Buarque; relação da produção artística e o contexto político contemporâneo; entre várias outras ricas possibilidades que a vasta obra de Chico Buarque sugere.

O que acho mais interessante na obra de Chico Buarque, e teria muito que discorrer a respeito, é que em cada fase da minha vida consigo depreender de

suas letras uma interpretação diferente, já que todas as leituras me emocionam e instigam. Concluindo o curso de jornalismo, percebo em algumas músicas do compositor uma manifestação poética com teor de denúncia social, abrangendo problemas constantes da sociedade brasileira e, portanto, recorrentes na cobertura jornalística e veiculada por todas as mídias.

Sendo assim, foquei-me nesta hipótese para desenvolver este trabalho. O objetivo desta monografia é analisar a relação entre a música do compositor Chico Buarque de Hollanda e a notícia. Trabalharei com a premissa de que a poesia é universal e atemporal, enquanto os fatos se repetem e são constantemente narrados pela imprensa. Desta forma, Chico seria um cronista do cotidiano, dando voz a uma parcela marginalizada da população constantemente abafada pelo sussurro das classes sociais dominantes. O legado de Chico Buarque transpõe, do ponto de vista particular, analítico e de ausência de qualquer compromisso com o relato real e pragmático de uma história de vida específica, a realidade de segmentos desprovidos de oportunidades e assistência social ou política.

A temática social sempre foi uma das principais fontes de inspiração de Chico Buarque que, por diversas vezes escreveu em versos a dura realidade de retirantes, prostitutas, menores infratores, moradores do subúrbio, subempregados... Para desenvolver este trabalho, selecionei três entre várias músicas disponíveis na coletânea de Chico Buarque para traçar o paralelo entre a poesia e a prosa, entre a música e os fatos, entre a arte e a notícia: O operário cantado em *Pedro Pedreiro*, a prostituta em *Geni e o Zepelim* e o menino de rua em *O Meu Guri*. Considerando o curto prazo para produção da monografia, fui levada a me ater a três títulos que escolhi intuitivamente. Outras tantas canções do autor serviriam de fonte para idêntico estudo dentro deste mesmo tema ou ainda abrangendo outras questões interessantes a serem tratadas sob o ponto de vista proposto neste estudo.

Nas três composições selecionadas, é possível abstrair, muito mais que um teor de reivindicação ou indignação embora também se apresentem nestas obras a riqueza com que o compositor narra o cotidiano dos personagens que vivem à margem da sociedade, com suas ações corriqueiras passando despercebidas para grande parte da população. A poesia de Chico, contudo, nos conduz para dentro da vida das três personagens de forma a voltar os olhares do público não só

para a precariedade com que levam a vida, mas para a humanidade dos personagens marginais ali caricaturados.

Em *Pedro Pedreiro*, o personagem que dá nome à obra é um operário retirante que deixa o norte para trabalhar. Chega esperançoso e ao final deseja poder voltar para a terra natal e não esperar por mais nada. Nesta letra, Chico descreve a rotina do operário que se levanta antes do nascer do sol, espera o trem que o levará ao trabalho e segue pensando na vida. Na narrativa do compositor o personagem transborda emoções e expectativas de uma vida melhor: joga na loteria, espera pelo aumento salarial prometido, aguarda o carnaval, a esposa está gerando um filho, almeja voltar para o Norte. *Pedro Pedreiro* foi escrita e musicada por Chico Buarque para a trilha da peça teatral “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, que narra a saga de um nordestino a caminho da cidade de Recife em busca de melhores condições de vida.

Geni e o Zepelim foi composta em 1977 e lançada no ano seguinte no disco *A Ópera do Malandro*. A letra é carregada de uma intrínseca crítica à hipocrisia e conta a história de uma mulher que vive na luxúria e, portanto, é apontada e condenada por todos à sua volta. Certo dia esta personagem é cobiçada por um estranho que pretende destruir a cidade, mas que se pronuncia disposto a mudar de idéia por uma noite com Geni, que por sua vez não se interessa pelo sujeito. Contudo a moça se entrega ao forasteiro para salvar a cidade e é aclamada pelos demais. Na manhã seguinte o tal forasteiro segue viagem e Geni volta a ser desprezada e agredida física e moralmente pelos mesmos moradores que na noite anterior a exaltavam.

A mais recente das três músicas elencadas neste estudo, *O Meu Guri* foi lançada em 1981 no álbum denominado *Almanaque*. Nesta canção, a história do menino nascido no morro é narrada pela mãe, que de tão despreparada para a chegada do filho, sequer sabia qual o nome usaria para batizá-lo quando nascesse. Nesta obra, o personagem guri não tem nome próprio. A mãe conta que o menino sempre dizia que “chegaria lá” numa referência à ascensão social que pretendia conquistar. O ofício do menino consistia em praticar furtos, com cujo resultado presenteava a mãe. A relação afetiva mãe-filho imiscue-se no âmago dos papéis onde a criança tanto é acalentada quanto recebe o acalento dela. A morte trágica do

guri estampada no jornal traz na legenda as iniciais do nome do menor assassinado, cujo corpo foi encontrado no mato. A letra termina com a mãe reafirmando a promessa do filho de que chegaria lá, como se a exposição da foto no jornal fosse a realização do projeto idealizado pelo rebento.

Considerando o enfoque jornalístico que pretendo imprimir às três canções, confrontando a poesia cantada por Chico Buarque com a realidade das classes populares desfavorecidas citadas acima e sua presença nas pautas da imprensa, vou ater-me à realidade do Distrito Federal para aferição dos dados necessários para que sejam escritas três reportagens relacionadas a cada questão levantada nas canções *Pedro Pedreiro*, *Geni e o Zepelim* e *O Meu Guri*, a classe operária, a prostituição e o menor infrator respectivamente, para que seja testada a premissa de que: a notícia se repete, enquanto a poesia é universal e atemporal.

1. “VOU NA ESTRADA HÁ MUITOS ANOS SOU UM ARTISTA BRASILEIRO”

(Paratodos; Chico Buarque/1993)

Chico Buarque de Hollanda nasceu no dia 19 de junho de 1944 na cidade do Rio de Janeiro. A família Buarque de Hollanda se mudou para a cidade de São Paulo em 1946 quando o chefe da família foi nomeado diretor do Museu Ipiranga. Filho do respeitado historiador Sérgio Buarque de Hollanda, é impossível dissociar a influência do ambiente intelectual em que Chico Buarque foi criado da trajetória que percorre na música popular, literatura, teatro, cinema, no cenário cultural brasileiro, enfim.

Embora o compositor afirme não ter gozado de uma infância farta, nunca lhe faltou o básico e jamais passou necessidades. Contudo, sempre teve consciência da situação privilegiada da qual desfrutava e não fechou os olhos para a realidade dos menos favorecidos. Em entrevista¹ concedida à Revista *Playboy*, em fevereiro de 1979, Chico conta como foi seu primeiro contato com a miséria:

Tomei contato com esse submundo de São Paulo, com a miséria mesmo. (...) Uma das coisas que mais me impressionaram é que a gente chegava com os cobertores para distribuir e as pessoas fugiam com medo. A gente então deixava como quem deixa um pratinho de carne para o gato, sabendo que depois ele vem buscar. É muito importante um cara de 16 anos, de uma escola de elite, tomar contato com isso. Não é no Nordeste, não, é ali dentro de São Paulo mesmo. Encontrar mulheres grávidas e crianças deitadas no chão de cimento da Estação. Segundo, ver que essas pessoas encaram um cobertor como uma ameaça - estão mais advertidas para receber a visita da polícia, ir em casa. Então têm medo da caridade. Evidentemente que hoje eu não encaro mais a caridade como sendo um remédio para nada disso. Mas valeu como experiência o contato com essa gente. Tudo parece meio banal falado assim, mas, dentro da vivência limitada de quem pertence a uma certa classe, é importante. (...) Porque são coisas que não adianta a gente transmitir. Já foi criada uma barreira entre esses dois mundos. Acho que se eu não tivesse tido esse contato com a miséria eu seria um alienado, tudo me empurrava pra isso. Nunca fui um garoto rico, mas as minhas relações eram dentro desse ambiente. Em minha casa nunca houve nenhum tipo de fausto ou de abundância - havia sempre um fascínio pelo lado intelectual. Mas, fora disso, todas as minhas relações de adolescente eram com uma garotada cujo futuro era correr ou

¹ Este trabalho baseia-se também na leitura e análise das entrevistas concedidas por Chico Buarque desde 1966 e que estão disponíveis ao público no site oficial do compositor: <<http://www.chicobuarque.com.br>> Acesso em: 22 out. de 2007.

pra ganhar dinheiro de qualquer maneira, ou pra gastar dinheiro, comprar carros...²

Ingressou na USP, Universidade de São Paulo, para cursar arquitetura em 1963 e abandonou o curso dois anos depois para seguir a carreira musical. Apesar de não ter sentido qualquer afinidade com o curso, o ambiente estudantil foi benéfico para a produção artística. Foi nesta fase que a primeira música de Chico foi gravada em disco pela intérprete Maricene Costa. A música, intitulada “Marcha para um dia de Sol”, nunca foi gravada pelo autor e seus versos já traziam a preocupação social que marca a carreira do artista:

“Eu quero ver um dia
Numa só canção
O pobre e o rico
Andando mão em mão
Que nada falte
Que nada sobre
O pão do rico
O pão do pobre”

Perseguido pela censura da ditadura militar, que vigorou no Brasil nas décadas de 60 e 70 do século passado, Chico Buarque foi preso diversas vezes, exilou-se na Itália, algumas de suas canções e discos foram proibidos e/ou alterados, teve sua casa invadida pela polícia política, foi chamado a depor sob diversas acusações e chegou a criar pseudônimo para tentar driblar a censura assinando suas músicas como Julinho de Adelaide.

Poucos se posicionariam contra o regime militar, que punia os opositores com agressões físicas, exílio, prisão, entre outras atrocidades. A produção artística não se esquivou da censura, tendo sido também ela controlada pelo Estado, que proibiu a circulação de títulos, a venda de discos, fiscalizou o que era transmitido pelas emissoras de rádio e televisão, bem como o que se divulgava nos jornais impressos. Contudo, artistas como Chico Buarque de Hollanda conseguiram, com a maestria do uso das palavras, que suas obras chegassem ao público, espalhando convicções e leituras particulares do momento vivido. Em época de repressão e censura explícita, foi por canções que artistas consagrados puderam driblar a hipocrisia e passar mensagens de revolta e indignação com o cenário político e social instalados.

² Entrevista à revista *Playboy* (1979), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

Entretanto, conforme relato de Fernando de Barros e Silva no livro Chico Buarque, (2004, p. 27)³ “ao contrário do que se pensa, porém, a atuação política de Chico nunca se traduziu em adesão a determinada doutrina nem tomou forma de militância partidária”. Silva conta que Chico não participou de passeatas, com exceção da Passeata dos Cem mil, em 1968, e declarou à revista *Playboy* em 1979: “só fui à passeata dos Cem Mil porque realmente não ir seria forte demais. Seria quase um posicionamento a favor”⁴.

Em entrevista ao jornal O Globo, em 17/07/1979, Chico conta que “antes mesmo da faculdade, fui uma pessoa preocupada com os problemas sociais”⁵. Mais tarde, quando perguntado por Geraldo Leite numa entrevista concedida à Rádio Eldorado, em 27 de setembro de 1989, Chico Buarque reafirma a preocupação com os problemas sociais brasileiros e se mostra ansioso por mudanças:

*O que me assusta é que o Brasil não tem nada em termos de satisfação de necessidades básicas... não chega aos pés nem da Europa Ocidental, nem da Oriental. Quando ficam falando da ditadura, da falta de liberdade lá fora, eles colocam isso como empecilho pra luta pela justiça social no Brasil, isso é que me deixa um pouco irritado. Vamos resolver os problemas básicos daqui! Assustar com essa história do comunismo não cola mais. Muito menos agora. Vai-se caminhar pro socialismo, se for o caso, tendo em vista o socialismo democrático, que pra mim é o sistema ideal.*⁶

Quando questionado se acha possível que a situação mude e haja a satisfação das necessidades básicas da maioria da população, responde:

*Isso virá mais cedo ou mais tarde. Por bem ou por mal. Porque não é possível que continue assim. Não sou eu que estou achando. Isso salta aos olhos. A desigualdade social, a violência que isso gera. A gente vive nas cidades com uma série de muros de Berlim. Eu mesmo, vivo num condomínio, onde quem está fora não entra e quem está dentro não sai.*⁷

Fica claro pelas declarações e pela atuação de Chico Buarque que existe no artista um cidadão consciente e atento às questões sociais que o cercam. É sob a ótica do compositor engajado e que representa uma classe desfavorecida que nos interessa, neste trabalho, entendê-lo. É por meio da sua obra que o cidadão Chico Buarque se manifesta, reivindica, clama por mudanças, atrai os olhares para os problemas que o afligem. É o que acredita o historiador Christian Alves Martins:

³ SILVA, Fernando de Barros e. *Folha Explica Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 1ed., 2004.

⁴ Entrevista à revista *Playboy* (1979), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

⁵ Entrevista ao jornal *O Globo* (1979), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

⁶ Entrevista a *Rádio Eldorado* (1989), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

⁷ Idem.

Não que seu discurso e sua obra sejam apolíticos, posto que toda atividade ligada às relações humanas é política. Todavia, sua política parece partir de dentro para fora, uma política interiorizada, distinta da trivial e institucionalizada. Sabemos que os partidos políticos e os governos passam, e a injustiça insiste em ficar. Ainda é preciso, conforme ele apostrofa, berrar.⁸

Martins acredita que a arte do compositor suscita o desejo de renovação e resulta em novas práticas sociais.

Problemas sociais, a classe operária, a prostituição, excluídos e marginalizados são temas comumente abordados nas canções do compositor que, ao tratar do cotidiano destes seres com sensibilidade e enaltecedor cuidado, acaba por chamar a atenção do ouvinte para questões que parecem veladas aos olhos das classes sociais assistidas.

1.1. **“É ASSIM COMO SE O RITMO DO NADA FOSSE, SIM, TODOS OS RITMOS POR DENTRO”** (Morro Dois Irmãos; Chico Buarque/1989)

O trabalho de Chico Buarque é uma obra-prima e patrimônio inestimável da manifestação cultural brasileira. Reúne em 53 discos, gravados a partir de 1966, 331 músicas, muitas compostas em parceria com outros músicos e letristas. Chico ficou conhecido logo após o Golpe de 64. “Sua figura reúne o sonho do compromisso e da identidade entre uma elite esclarecida e um povo que enfim teria encontrado seu lugar e destino” (SILVA, 2004. p. 16)⁹. E foi pelas canções que traduziu o sentimento de um povo oprimido pela ditadura militar nos anos 60 e 70, atingido por crises políticas, a inflação e o confisco da poupança na década de 80, o aumento da violência e o confronto das classes sociais dos anos 90 em diante. Como se narrasse a real história do país, aquela que os cidadãos vivem e nem sempre encontram nos livros didáticos.

Hoje, passados 40 anos, todo o imaginário social novo que se organizou em torno do que ficou conhecido como nacional-desenvolvimento nos

⁸ MARTINS, Christian Alves, *O Inconformismo Social no Discurso de Chico Buarque*. *Revista de História e Estudos Culturais*, jun. de 2005. Pág. 5. *Histor. Prof., abr./mai./jun. 2005, vol.2, ano.II,n.º 5*. ISSN 1807-6971.

⁹ SILVA, Fernando de Barros e. *Folha Explica Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 1ed., 2004.

parece uma miragem histórica. Algo como um esforço coletivo que resultou em décadas de estagnação e em novas formas de apartheid social. Assim, o desenvolvimento nacional pode não ter sido nem desenvolvimento nem nacional. E Chico, mais do que qualquer outro, será em cada momento o grande intérprete dessa epopéia às avessas: de "Pedro Pedreiro" (1965) a "Sonhos Sonhos São" (1998), passando por "Construção" (1971), "Meu Caro Amigo" (1976), "Bye Bye, Brasil" (1979), "Pelos Tabelas" (1984) e "O Velho Francisco" (1987), entre tantas outras canções, ele faz como se escrevesse a história duas vezes, nos revelando o que somos e aquilo que não nos tomamos. Sua música é expressão de uma poesia histórica e testemunho lúcido de suas sucessivas frustrações.¹⁰

Na literatura, lançou três romances: Estorvo (1991), Benjamin (1995) e Budapeste (2003), sendo que os dois primeiros ganharam roteiro e foram exibidos no cinema. Para Fernando de Barros e Silva (2004, p.118)¹¹, partindo da leitura dos três romances do escritor é possível identificar o estilo de escrita, bem como evidenciar a representação problemática do país e da cena contemporânea. Foi com os romances supramencionados que Chico Buarque mostrou seu potencial literário e teve reconhecido destaque entre leitores, jornalistas e escritores.

Benjamim, bem como Estorvo e o recente Budapeste, são títulos importantes no contexto da literatura brasileira contemporânea. Literatura de boa qualidade, sim, na medida em que, voltando mais uma vez a Pound, esta é a "novidade que permanece novidade"; na medida em que foi construída por um escritor que trabalha as palavras com o talento e a honestidade que só um autêntico criador pode ter.¹²

O conto Ulisses havia sido publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* e integrou o *songbook* *A Banda*, lançado em 1966. Em 1974 lançou a "novela pecuária" *Fazenda Modelo*. Na época a censura mirava Chico com avidez e a perseguição política se acirrava em torno de todas as composições do artista, "a obra pretendia ser uma alegoria da modernização autoritária sob a ditadura militar" (SILVA, 2004, p. 115-116)¹³.

Cinco anos depois lançou a primeira publicação voltada para o público infantil, com o título "Chapeuzinho Amarelo" (1979). Em 1981 veio à tona "A Bordo do Rui Barbosa", escrito por Chico entre 1963 e 64 quando ainda cursava Arquitetura. O colega dos tempos da faculdade Vallandro Keating ilustrou o texto de Chico e a obra foi publicada. Em entrevista à revista *Playboy* em fevereiro de 1979 o escritor lembra que começou a escrever "muito antes de fazer música. Assim, tipo

¹⁰ SILVA, Fernando de Barros e. *Folha Explica Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 1ed., 2004.

¹¹ Idem

¹² FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil*. ed. Garamond. Edições Biblioteca Nacional, 2004, pág. 66.

¹³ SILVA, Fernando de Barros e. *Folha Explica Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 1ed., 2004.

jornalzinho de colégio. Gostava da idéia de ser escritor. Eu tinha impressão de que ia ser uma coisa tipo jornalista ou, sei lá, uma espécie de cronista, um Rubem Braga...”.

A produção dramática de Chico Buarque está inscrita no espaço de dez anos, entre 1968-1978, um dos períodos de maior agitação política e cultural no Brasil. Se, em 1968, Roda Viva abre, definitivamente, espaço para a vanguarda, em 1978, ano que também verá o fim do Ato Institucional nº 5, com a encenação de Macunaíma, dirigida por Antunes Filho, entraremos num período em que a figura do dramaturgo começa a ser eclipsada pela do encenador. No entanto, apesar de certos críticos de teatro torcerem o nariz para as obras de Chico Buarque, elas são testemunhas e marcos de uma época em que os artistas ainda acreditavam que só a partir de uma aliança revolucionária com o povo algumas coisas poderiam mudar. Para além disso, as tragédias e comédias de Chico Buarque, essas sim, ainda continuarão a nos encantar e a nos fazer acreditar em mudanças por muito tempo.¹⁴

Para o teatro, Chico escreveu quatro peças. A estreante foi Roda Viva, escrita em 1967 e que foi levada ao público no começo de 1968. Em julho daquele ano, durante a apresentação da peça no teatro Galpão em São Paulo, o espaço foi invadido pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Os atores foram espancados e o cenário depredado. No dia seguinte o autor estava na platéia, a peça continuou em cartaz e Roda Viva foi tida como símbolo da resistência contra a ditadura.

A segunda peça foi escrita em parceria com Ruy Guerra em 1973: a produção completa e o elenco pronto para estrear o espetáculo no começo de 1974. Calabar, que dava nome à peça, era um personagem que se manifestava a favor dos holandeses e contra a coroa portuguesa. O contexto histórico em que a peça se desenrola não requer uma ligação clara com o momento político de ditadura. Mesmo assim a peça não foi liberada pela censura do regime militar e a publicação do nome Calabar foi vetada. A imprensa sequer pode divulgar a proibição da peça. Seis anos depois, em 1980, com nova roupagem a peça pôde ser levada ao público.

Gota D'Água estreou em 1975. Escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes, consiste na adaptação do mito grego “Medeia”. Ambientada num conjunto habitacional, além das relações amorosas dramáticas apresentadas na trama, merecem atenção as relações de poder exploradas pelos autores.

¹⁴ FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil*. ed. Garamond. Edições Biblioteca Nacional, 2004, pág. 239.

Em julho de 1978 subiu ao palco “*A Ópera do Malandro*”. Baseado nos textos a Ópera dos Mendigos (1728), de John Gay, e Ópera dos três vinténs (1928), de Kurt Weil e Bertolt Brecht, tem como pano de fundo o cenário carioca, a malandragem e a boemia dos moradores da Lapa cuja narrativa se situa na década de 40 do século passado. O malandro Max Overseas, dividido entre o amor de duas mulheres, vive entre uma série de problemas sociais, os dissabores da vida marginal.

Entre Gota D'Água e a Ópera do Malandro Chico fez uma pequena obra-prima destinada às crianças. Lançado em 1977, Os Saltimbancos era a adaptação de um musical dos italianos Sérgio Bardotti e Luiz Enriquez, inspirado no conto infantil alemão “Os músicos de Bremen” dos irmãos Jakob e Wilhelm Grimm. Na versão de Chico, o musical se tornou uma espécie de Revolução dos Bichos ao contrário, uma fábula contra a opressão cantada pela voz dos animais. Se o romance de George Orwell era uma parábola dos horrores do stalinismo, Os Saltimbancos foi um exercício lúdico contra o Brasil dos militares que vinha reafirmar as convicções de esquerda de seu autor.¹⁵

Escrever para o teatro é uma atividade que requer do artista uma dedicação e aprofundamento nas questões abordadas direta ou indiretamente na história contada, como revelou à Revista Versus em setembro de 1978:

Se eu estiver preocupado em fazer um teatro que, como dizia o Paulo Pontes, reflita os problemas mais angustiantes das classes menos favorecidas, eu vou ter que estudar, vou ter que me dedicar muito mais do que se eu fosse fazer um samba sobre isto.¹⁶

O primeiro trabalho voltado para o cinema consistiu na trilha sonora do filme *Anjo Assassino*, de Dionísio Azevedo, em 1966. A partir daí, outras 52 duas canções de Chico Buarque foram escritas ou utilizadas, com o consentimento do autor, como trilha de obras cinematográficas. Foi responsável por três roteiros que vieram a ser rodados: *Os Saltimbancos Trapalhões* (1981), direcionado para o público infantil, *Para viver um grande amor* (1983), roteiro adaptado por Chico Buarque e Miguel Faria Júnior e *Ópera do Malandro*, cuja peça que ganhou roteiro de Ruy Guerra, foi filmada em 1986.

Como ator participou de cinco filmes, mas o resultado não o agradou. *Garota de Ipanema* (1967), de Leon Hirzman; *Quando o carnaval chegar* (1972), de Cacá Diegues; *Certas palavras* (1980), de Maurício Beirú; *Ed Mort* (1996), de Alain

¹⁵ SILVA, Fernando de Barros e. **Folha Explica Chico Buarque**. São Paulo: Publifolha, 1ed., 2004, pág. 80.

¹⁶ Entrevista à revista *Versus* (1977), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

Fresnot; e O Mandarim (1995), de Júlio Bressane. Ele, que nunca teve intenção de atuar, prefere participar por trás das câmeras.

A riqueza da obra resumida acima rendeu estudos, artigos e livros entre outras publicações, além de análises em várias áreas do conhecimento humano. Para Chico Buarque, a arte, em todas as suas formas de expressão, tem acesso restrito a uma classe com maior poder aquisitivo, que, por conseqüência tem mais acesso à cultura e educação:

É evidente que a gente luta por uma abertura democrática. É o que a gente quer para essa pequena parcela do público que atingimos, para que pelo menos essa parcela receba o trabalho da gente integralmente e que essa liberação permita maiores ousadias e uma criação mais forte. Mas acredito que dentro do sistema capitalista essa questão da arte popular está comprometida. (...) Eu tenho outras convicções que quero ter a liberdade de colocar a cada entrevista ou a cada canção ou a cada peça de teatro, para ser ouvida, para ser julgada... Não estou querendo dizer que sou o dono da verdade, pelo contrário, estou sempre dizendo que não sou. Agora, quero ter a liberdade de manifestar minha opinião pessoal e, como já disse nesta entrevista, hoje existe a vantagem de poder dizer alguma coisa na imprensa. Na verdade, a arte só é popular na medida em que ela tende a estar aliada ao governo, e o governo seja popular na medida em que esteja ligado ao povo. Eu só acredito em arte popular num país em que o povo esteja no governo.¹⁷

¹⁷ Entrevista *Arte Popular só com o povo no poder* ao *Folhetim, Folha de São Paulo* (1978), disponível no site <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

2. “DEVAGAR É QUE NÃO SE VAI LONGE EU SEMEIO VENTO NA MINHA CIDADE”

(Bom Conselho; Chico Buarque/1972)

O legado de Chico Buarque apresentado no capítulo anterior conta, se analisado linearmente, a história do Brasil dos anos 60 do século passado em diante. Da mesma forma, histórias individuais de determinados segmentos ou classes sociais, tantos anônimos com vários rostos e qualquer nome, são também representados nas canções do compositor que traz à luz sentimentos abafados e vozes caladas pelo abismo social que se faz cada vez mais discrepante.

Foi por canções que Chico protestou contra a ditadura militar quando nada que se pronunciasse ficava incólume para a censura política. Já não há censura nos dias de hoje, mas a barreira social que separa uns e outros tem também a capacidade de calar o brado dos que carecem de amparo pelo Sistema. E Chico é um porta-voz desses que não podem ser ouvidos por si só.

As canções que você fez pra nós, conterrâneos seus, a nos descobrir, Brasil que não se vê na TV, e a nos revelar, parintins moderninhos, corações suburbanos, donas com tufões nos quadris, Rosas com rimas e sem projetos de vida. É por isto que tomo a liberdade de te incluir naquela linha de narradores que descrevem terras, gentes e lutas e, ao narrar, nos criam e recriam, nós, lazarinhos, os que nas rodoviárias assumimos formas mil, em enchentes amazônicas, explosões atlânticas, alegorias, carnavais, proparoxítonas e paradoxos. (...) Em suas canções sua voz de autor se amalgama ao povo, dono da voz, de um jeito manso, que é só seu, mas de um jeito nosso, que agora, sabemos, é um jeito mundial de estreitar entre nós entre as línguas e os costumes: a música popular brasileira¹⁸.

Aqui interessa analisar a abordagem dos marginalizados, dos excluídos. Na junção de poesia e música, canta a saga de personagens que representam classes, segmentos. Contando a história de um, está trazendo à tona a realidade de um conjunto que vive situações semelhantes. Os clamores presentes nas canções soam para muito além daqueles que parecem estar nos contando as mazelas ou deleites da

¹⁸ FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil*. ed. Garamond. Edições Biblioteca Nacional, 2004, pág. 95.

simplicidade do cotidiano, como se fosse um diálogo entre as classes desassistida e bem-sucedida. “O poeta tem uma certa preferência por textos narrativos onde se conta uma história ou uma parábola” (FERNANDES, 2004. p. 162)¹⁹.

A abordagem dos aspectos sociais está presente na obra de Chico desde que o compositor começou sua produção, antes mesmo de imaginar que seguiria carreira como artista. (Vide²⁰, Anexo). São vários os excluídos que clamam por atenção na obra do compositor e se mostram, embora por diversos ângulos, repetidas vezes em fases diferentes da produção do artista: o trabalhador, por exemplo, está personalizado em *Pedro Pedreiro* (1965), em *Com Açúcar com afeto* (1966), em *Construção* (1971), em *Linha de Montagem* (1980), bem como em *Biscate* (1993). Em cada obra supracitada, particularidades distintas do pano de fundo que faz a rotina dos subempregados permitem-nos absorver diferentes leituras sobre angústias, prazeres e privações que acometem as personagens.

(...)Essa dimensão político-social decorre do redimensionamento poético da proposição de realidade pressuposta e, por isso, está presente na obra do poeta desde o começo, iniciada, primeiramente, nas vozes do malandro e da mulher, num dueto alternado, ao qual vão se juntando outras vozes, como a do marginal, a da prostituta, a do pederasta, a do pivete, a do mendigo, até formar o que denominei Coro de Vozes Interditadas, expressão vocal legítima das chamadas minorias marginalizadas²¹.

No artigo “*O alarido das vidas marginais na obra de Chico Buarque*”²² (MORAES, 2004) Rodrigo Moraes discorre sobre a abordagem de Chico no que tange as classes marginalizadas. Sob a ótica da psicologia, ressalta a falta de acesso da camada social mais baixa aos meios de comunicação, mas, sobretudo, as impossibilidades de que as reivindicações destes sejam ouvidas visto que, historicamente, não há espaço para as súplicas daqueles que ocupam lugar na base da pirâmide de um sistema capitalista. “Mediado por um processo de construção histórico, vigora hoje, no Brasil, um contexto socioeconômico-cultural que prioriza a história dos

¹⁹ FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil*. ed. Garamond. Edições Biblioteca Nacional, 2004, pág. 162.

²⁰ Todas as letras das canções citadas ao longo do texto encontram-se disponível no anexo.

²¹ FERNANDES, Rinaldo de. *Chico Buarque do Brasil*. ed. Garamond. Edições Biblioteca Nacional, 2004, pág. 177.

²² MORAES, Rodrigo. *O alarido das vidas marginais na obra de Chico Buarque*. *Psicol. cienc. prof.* [online]. dez. 2004, vol.24, no.4 [citado 03 Outubro 2007], p.30-41. Disponível no site: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.

vencedores em detrimento da história dos vencidos”²³, justifica. Partindo deste princípio, Moraes alega que o discurso que exalta o feito daqueles que obtiveram sucesso ou cujas ações são tidas como extraordinárias foi e permanece sendo difundido pela “máquina midiática parcial a serviço de determinados setores governamentais, acadêmicos, da sociedade civil”²⁴ e, conseqüentemente, são tidas como verdade absoluta. Em contraponto a isto que Moraes denomina “ótica dos vencedores”, o autor analisa, por meio de canções de Chico Buarque, a percepção aguçada do artista que traz para a sociedade a narrativa sobre a vida dos marginalizados com tamanha sensibilidade e por um viés que “revela a existência de um cotidiano repleto de vida”²⁵. Moraes conclui que por meio da obra de Chico é possível construir olhares sobre os “desenlaces da vida cotidiana dos sujeitos que compõem as classes populares no Brasil”²⁶.

Para traçar o paralelo que este trabalho persegue, faz-se necessário apresentar dados sobre três segmentos sociais marginalizados que são representados pelas personagens Pedro, Geni e Guri, presentes nas canções *Pedro Pedreiro* (1965), *Geni e o Zepelim* (1977) e *O Meu Guri* (1981). Respectivamente, estas três personagens representarão: primeiramente os migrantes que deixam a terra natal em busca de oportunidades de emprego; depois os homens e mulheres que vivem da exploração sexual ou da venda do corpo; e finalmente os menores que vivem nas ruas. Para tanto, vamos nos restringir à situação do Distrito Federal e entorno.

²³ MORAES, Rodrigo. *O alarido das vidas marginais na obra de Chico Buarque*. *Psicol. cienc. prof.* [online], dez. 2004, vol.24, no.4 [citado 03 Outubro 2007], p.30-41. Disponível no site: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-9893.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

2.1 “VOCÊ INFELIZMENTE CONTINUA IGUAL FALA BONITO E PASSA FOME”

(Desafio do Malandro; Chico Buarque/1985)

O último levantamento feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com base no ano de 2006, estima que o número de habitantes do entorno seja de 1.068.417. O entorno consiste em 20 municípios do estado de Goiás, próximos à divisa do Distrito Federal, com área total aproximada de 38,1 mil quilômetros quadrados.

Os levantamentos do IBGE mostram que no período de 1986 a 1991 foram recebidos pela capital federal 182 mil migrantes, enquanto entre 1995 e 2000 esse número superou 215 mil. A Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) realizou em 2006 pesquisa sobre o perfil dos migrantes que chegaram ao Aglomerado Urbano de Brasília (DF e Entorno) em 2000. Ao cruzar os dados fornecidos pelo IBGE, os pesquisadores da UnB comparam o levantamento mais recente, ano 2000, com a situação dos migrantes em 1970 nesta região. A pesquisa mostra que em 1970 os migrantes representavam cerca de 72% da população do Distrito Federal. Pelos números atuais apresentados representavam 27%. Um dado curioso apresentado pela pesquisa mostra que há 37 anos, metade dos migrantes se instalava na região do Plano Piloto. Atualmente cerca de 10% dos migrantes se estabelece no Plano Piloto e 90% fixa moradia nas cidades satélites ou no entorno. Destes, 55% tem origem nordestina. Os principais atrativos que o Distrito Federal oferece são: possibilidade de se ganhar um lote, acesso à educação, atendimento na área de saúde e probabilidade de aumento da renda em uma economia mais dinâmica.²⁷

²⁷ VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Os novos candangos - Pesquisa da UnB compara o perfil de migrantes que chegaram ao DF e entorno em 1970 e em 2000. Secretaria de Comunicação – Estat. prof. [online]. Disponível no site: <<http://www.secom.unb.br/bcopauta/geografia5.htm>>, Acesso em: 22 out. de 2007.

Pesquisa divulgada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Distrito Federal estudou isoladamente as 29 Regiões Administrativas (R.A.s) da unidade federativa e analisa cada uma delas. Ao final da pesquisa, a Secretaria reúne os dados catalogados. Seguem transcritas as partes relevantes da conclusão para o tema do estudo em questão: “Os dados aqui expostos revelam os desafios que se colocam para o planejamento urbano numa região em processo de deformação, onde o crescimento populacional ainda é influenciado pela migração”²⁸. A questão da explosão demográfica no Distrito Federal, da falta de infra-estrutura para acolher os migrantes e a população que cresce muito além do número inicialmente planejado quando da fundação da cidade e as conseqüências do crescimento desordenado têm sido anunciadas constantemente por estudiosos de diferentes áreas. Problemas decorrentes deste fato vão de áreas habitadas de forma irregular com ausência de infra-estrutura mínima, aumento da violência, sobrecarga de gastos públicos, crescimento das atividades informais como forma de sobrevivência, escassez de escolas, postos de saúde e moradia para incluir socialmente a população carente, tráfico e consumo de drogas e impossibilidade de absorver a demanda de empregos, fato que se agrava tendo em vista a inexistência de um pólo industrial no Distrito Federal.

*Por outro lado, o chamado envelhecimento da população prenuncia mudanças significativas em termos de demandas sociais, notadamente nos setores da saúde, segurança, habitação, formação profissional e emprego. (...) A ampliação dos contingentes de jovens e adultos sugere maior atenção à educação formal a partir da 5ª série do Nível Fundamental, considerando as dificuldades da população de baixa renda, que tende mais à repetência e à evasão, premidos pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho. Da mesma forma, esses contingentes exigem mais atenção à formação profissional e também pressionam pela criação de mais postos de trabalho*²⁹.

A relação entre baixa renda familiar e evasão escolar é crônica: situação financeira crítica; a baixa ou nula escolaridade dos pais; dificuldades no acesso da residência até a escola; deficiência no aprendizado. São muitos os empecilhos que crianças e adolescentes que vivem à beira da miséria precisam vencer para seguir a vida escolar. Este estudo mostra que grande parte das crianças, adolescentes e mesmo

²⁸ Pesquisa da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação – SEDUH. Coordenação de Geral Subsecretaria de Política Urbana e Habitação - **Aspectos da População e Situação dos Domicílios do Distrito Federal – Informe Demográfico**. Brasília 2004. Disponível no site:

<http://www.seduh.df.gov.br/sites/100/155/Publicacoes/aspecto_populacao_df/index.html>, Acesso em: 22 out. de 2007.

²⁹ Idem

os adultos que retomam os estudos, quando abandonam a escola alegam necessidade de aumentar a receita familiar e a incompatibilidade dos horários de trabalho e estudo. Entretanto, quanto mais baixo o nível de escolaridade, mais baixo o poder aquisitivo do indivíduo. Sendo assim, crianças e adolescentes da classe baixa abandonam os estudos com maior frequência que as classes média e alta, ainda no ensino fundamental. Portanto, as possibilidades de ascensão econômica e profissional são reduzidas para aqueles com menor grau de instrução, resultando no *statu quo* em análise.

E por fim:

O crescimento populacional dos segmentos entre 20 e 40 anos, ainda influenciado pela migração, constitui desafios para o planejamento habitacional, levando-se em conta, mais uma vez, as diferenças na distribuição de renda da população do Distrito Federal. (...) A elevada incidência de mortes por causas externas (violentas) que atinge preferencialmente a população de jovens do sexo masculino entre 15 e 20 anos, requer atenção especial à população nessa faixa etária, que tende a crescer nos próximos anos³⁰.

Também é clara a relação entre a vida marginal, sem acesso às condições mínimas de moradia, lazer, trabalho e estudo, e a violência. Furtos, roubos, assassinatos, alcoolismo, consumo de entorpecentes, violência doméstica e aglomeração de gangues, a incidência de conflitos das naturezas acima citadas é inversamente proporcional à renda *per capita* da população local.

³⁰ Pesquisa da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação – SEDUH. Coordenação de Geral Subsecretária de Política Urbana e Habitação - **Aspectos da População e Situação dos Domicílios do distrito Federal – Informe Demográfico**. Brasília 2004. Disponível no site: <http://www.seduh.df.gov.br/sites/100/155/Publicacoes/aspecto_populacao_df/index.html>. Acesso em: 22 out. de 2007.

2.2. “TEM CERTOS DIAS EM QUE EU PENSO EM MINHA GENTE E SINTO ASSIM TODO O MEU PEITO SE APERTAR”

(Gente Humilde; Chico Buarque/1969).

O desemprego e a atividade informal também são conseqüências do crescimento desordenado que se acentua no Distrito Federal. Dados oficiais divulgados pelo governo distrital baseados na Pesquisa de Emprego e Desemprego do Distrito Federal (PE - DF) e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostram que, em julho de 2007, o número de desempregados atingia 230,6 mil cidadãos.³¹

De acordo com a classificação brasileira de ocupação, os profissionais do sexo têm a atividade profissional reconhecida, porém para que seja regulamentada precisa ser aprovada pelo Congresso Nacional. O relatório familiar gerado pelo Ministério do Trabalho em 2002 traz os seguintes dados:

Para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro oferecidas pelas associações da categoria. Outros cursos complementares de formação profissional, como por exemplo, cursos de beleza, de cuidados pessoais, de planejamento do orçamento, bem como cursos profissionalizantes para rendimentos alternativos também são oferecidos pelas associações, em diversos Estados. O acesso à profissão é livre aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental. O pleno desempenho das atividades ocorre após dois anos de experiência³².

Os cursos supramencionados são oferecidos pelo Governo do Distrito Federal, por meio da Secretaria de Saúde, no posto estrategicamente instalado no mezanino da rodoviária do Plano Piloto. Além do curso, aqueles que coletarem sangue para exames de detecção das doenças sexualmente transmissíveis e fizerem cadastro

³¹ LANZELLOTTI, Andressa. **DESENVOLVIMENTO - Desemprego cai no DF**, [citado 25 Julho 2007], Agência de Comunicação. Disponível em: <http://www.districtofederal.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=51911>. Acesso em: 22 out. de 2007.

³² Pesquisa do Ministério do Trabalho e Emprego – *Profissionais do sexo - CBO - Classificação Brasileira de Ocupações - 2002*. Brasília 2004. Disponível no site: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca.asp>>. Acesso em: 22 out. de 2007.

junto ao Centro de Testagem e Aconselhamento para DST/HIV/Aids (CTA) podem retirar, gratuitamente, preservativos.

Não foi possível encontrar qualquer dado oficial sobre o número de profissionais do sexo no Distrito Federal. A dificuldade em contabilizar estes profissionais se dá por muitos não assumirem publicamente a atividade, por não possuírem local ou carga horária pré-estabelecidos. Mesmo assim é nítido o aumento destes pelos classificados de jornais e pela presença maciça nas ruas, disponíveis em locais públicos, como o Eixão durante o dia e nos pontos de ônibus do Plano Piloto durante toda a noite.

No Distrito Federal existe um único centro de detenção infanto-juvenil que encarcera para reabilitação menores infratores. O Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE informa que o número de efetivos sofre alterações diárias, com entrada e saída de menores e tem capacidade para 240 reabilitandos. A assessoria da direção desta instituição confirma que no dia 23 de outubro de 2007 o número de efetivos era de 269 menores, sendo que 54 aguardavam transferência para o Centro Socioeducativo Amigoniano – CESAMI, que também está superlotado. A média de idade dos detentos do CAJE é de 17 anos, sendo a maioria do sexo masculino.

Alvo da tese de mestrado da socióloga Bruna Papaiz Gatti, mestre pela Universidade de Brasília, o estudo concluído em 2005 identifica um código de ética dos internos do CAJE semelhante ao dos presídios. Os detentos alegam ameaça à integridade física e emocional: brigas entre os menores são recorrentes e denunciam agressões por parte dos funcionários do Centro. Na dissertação denominada *As leis do cárcere: os internos do Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE*³³, a mestre Bruna constatou que 100% dos detentos vivem em cidades distantes do Plano Piloto, e 23% dos entrevistados têm a figura materna como ídolo. Os menores se organizam em gangues que são conhecidas como “firma”, cujos líderes gozam de

³³ GATTI, Bruna Papaiz. *Um retrato dos jovens do CAJE*. Secretaria de Comunicação – Sociol. prof. [online]. Disponível no site: <<http://www.secom.unb.br/bcopauta/sociologia7.htm>>, Acesso em: 22 out. de 2007.

regalias mantidas pelos demais membros, são responsáveis pela organização das rebeliões internas e externas ao CAJE, por reunir aliados e distribuir drogas.

3. “EU SEI QUE O VIOLÃO ESTÁ FRACO, ESTÁ ROUCO MAS A MINHA VOZ NÃO CANSOU DE CHAMAR”

(Olê, Olá; Chico Buarque/1965)

Numa sociedade democrática, o jornalismo tem, mais que a liberdade de expressão a seu favor, a missão de representar os indivíduos em suas reivindicações legitimadas pela Constituição de 1988. Dentre vários direitos garantidos aos cidadãos pela Constituição em vigor, vale citar o artigo 6º da emenda Constitucional de 2000:

CAPÍTULO II

DOS DIREITOS SOCIAIS

*Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.*³⁴

Para Kucinski (2000, p. 181)³⁵, apesar e de instaurada a democracia, que proclama a igualdade política, ainda restam um elenco de promessas não cumpridas. Historicamente o jornalismo desempenha um papel fundamental para consolidação dos direitos e redução da iniquidade.

*O jornalismo é uma atividade que, no conjunto das ações comunicativas da modernidade, tem sido historicamente um dos principais instrumentos de construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania. Criou instituições e uma cultura de intervenção no cotidiano. Constitui uma relação social densa e demarcada, um modo específico de buscar e narrar a informação, um tipo de saber, uma práxis que inclui a construção da personalidade pública do jornalista e um ethos jornalístico*³⁶.

A partir desta afirmação, a prática jornalística tem a incumbência de reivindicar, informar, denunciar abusos de poder e violação dos direitos humanos. “É como se tivesse um mandado da população para as funções de vigilância da cidadania e da justiça que o cidadão comum não consegue exercer mais diretamente”³⁷. (KUCINSKI, 2000, p. 182). É o que pretende este capítulo.

³⁴ BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*, DF: Senado, 1988.

³⁵ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo, saúde e cidadania*. Jornal. prof. [online]. fev. 2008, vol.4, no.6, p.181-186. Disponível no site: <http://www.interface.org.br>

³⁶ Idem

³⁷ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo, saúde e cidadania*. Jornal. prof. [online]. fev. 2008, vol.4, no.6, p.181-186. Disponível no site: <http://www.interface.org.br>

Sem obrigatoriedade de relação direta e idêntica representação das personagens das composições estudadas nesta tese, seguem a apuração de casos encontrados nas ruas do Distrito Federal cuja conexão pretende validar a atualidade das denúncias registradas nas canções *Pedro Pedreiro*, *Geni e o Zepelim* e *O Meu Guri*.

3.1. **“PEDRO NÃO SABE, MAS TALVEZ NO FUNDO ESPERA ALGUMA COISA MAIS LINDA QUE O MUNDO”**

“Pedro Pedreiro está esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro Norte”

O sol ainda não aponta no horizonte quando Elisvandro Clemente da Costa, 47 anos, se despede da companheira e segue para o ponto de ônibus. Duas conduções e duas horas depois o assistente de pedreiro, conhecido como Vando, tendo percorrido o caminho de Valparaíso até o Lago Norte, põe a mão na massa exatamente às 7 e meia da manhã e só descansa depois das 17 horas.

“Pedro Pedreiro penseiro esperando o trem”

Piauiense, pai de um adolescente de 17 anos e de uma menina de 11 anos, vivendo o segundo casamento, o pedreiro se considera um vencedor, mas ainda tem muitos objetivos que almeja conquistar, como o de voltar para o Piauí e viver entre os seus.

“Manhã parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém”

Quarto dos doze filhos fruto de dois casamentos do pai Everaldo, Vando discorre com facilidade sobre as mazelas pelas quais a família passou desde que sua lembrança o é fiel: “Passamos muita fome, muitas necessidades mesmo. Tinha terra pra plantar, mas não tinha água e a gente não tinha o que comer. Os meninos passando fome, a mãe e o pai passando fome e não tinha o que fazer. É muita dureza”, lembra. Para fugir da miséria, Vando foi tentar a vida em São Paulo aos 19 anos. O homem conta que sempre foi habilidoso e o gosto pela construção se desenvolveu

desde a infância e na metrópole já trabalhava como assistente em construções, uma seguida da outra. Não lhe faltou emprego, mas o salário era baixo e mal dava para o sustento.

“Assim pensando o tempo passa e a gente vai ficando prá trás
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol esperando o trem, esperando aumento
desde o ano passado para o mês que vem”

A convite de um primo com o qual viajou a São Paulo cinco anos antes, Vando e o primo se mudaram para Brasília em meados de 84 para conferir o que se anunciava pelos canteiros de obras paulistanos: se ganha mais dinheiro e com mais facilidade em Brasília que em qualquer outro lugar e ainda existia a possibilidade de ganhar um lote para se estabelecerem. Seduzidos pela propaganda, o operário lembra que demorou para conseguir emprego, pois não conhecia ninguém e as relações são importantes para que as oportunidades surjam.

“E a sorte grande do bilhete pela federal todo mês
Esperando, esperando, esperando, esperando o sol”

Depois da primeira contratação temporária, seguiram-se várias obras e as coisas começaram a se ajeitar. Com o ordenado garantido Vando se casou, mas a união não durou muito. Encantou-se por uma empregada doméstica com a qual teve o primeiro filho. O romance extraconjugal culminou na separação dos recém-casados. Não se firmou com a amante e hoje é casado pela segunda vez com a servente Maria das Graças, com quem tem Cleide, a caçula de 11 anos.

“Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem
Esperando a festa, esperando a sorte”

Ganhou o lote esperado e conta com orgulho que, nos dias de folga, se esmera na ampliação da casa onde mora com esposa e filha. “É uma casinha muito simples, mas aos poucos eu vou melhorando o nosso canto”, planeja. E comemora ter encontrado na capital do país as oportunidades que lhe foram anunciadas pelos colegas de São Paulo. Mas nem tudo são flores na trajetória deste homem que mostra no semblante o cansaço que lhe envelhece a face. Ele conta que deixou toda a família no Piauí com a esperança de voltar logo e poder proporcionar aos que ficaram uma vida melhor e que, apesar de o tempo estar passando, ele ainda mantém o projeto.

“A mulher de Pedro está esperando um filho prá esperar também”

A mãe do pedreiro, que ele calcula ter uns 63 anos, conseguiu visitar o filho em Brasília duas vezes e permanece na casa onde deu a luz à Vando. O pai faleceu há alguns anos, que ele não se lembra ao certo, e de quem não pode se despedir. “Eu fui saber que meu pai tinha morrido já fazia quase um mês que ele tinha sido enterrado. Encontrei com um colega que foi meu vizinho lá no Piauí e ele me disse. Eu não tinha telefone. E se não fosse por esse acaso (o encontro com o amigo que transmitira a notícia) podia demorar muito mais ainda pra eu saber disso”, fala com nostalgia.

“Pedro Pedreiro está esperando a morte
 Ou esperando o dia de voltar pro Norte
 Pedro não sabe, mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda que o mundo
 Maior do que o mar, mas prá que sonhar se dá o desespero de esperar demais”

Dos onze irmãos, uma reside no Recanto das Emas, no entorno do Distrito Federal, embora não se vejam com muita frequência. Nunca mais encontrou com os outros irmãos e confessa sentir muita saudade da família que ficou, dos amigos e da roça da família. “Eu quero mesmo é voltar pra casa. A gente tem uma terrinha que eu quero construir uma casa. E lá a gente tem um jeito mais fácil de viver: a gente pode plantar pra comer e os do lado ajudam a gente. Não precisa de tanto dinheiro como aqui”, planeja. E alerta: “Eu não falaria pra ninguém vir pra cá tentar a vida como eu. As coisas aqui não são fáceis, não. Eu sofri muito e até hoje não consegui voltar. Não recomendo, não”.

“Pedro Pedreiro quer voltar atrás, quer ser pedreiro pobre e nada mais, sem ficar
 Esperando, esperando, esperando, esperando o sol
 Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem
 Esperando um filho prá esperar também
 Esperando a festa, esperando a sorte, esperando a morte, esperando o Norte”

Tendo cursado até a 4ª série do ensino básico, por um instante os olhos de Vando brilharam. Ao contar que a filha Cleide é uma excelente aluna, que gosta de estudar e aprende tudo, inclusive inglês, o operário não consegue conter o sorriso tímido e emocionado. “Ela é muito interesseira (SIC), quer aprender tudo. Tudo que fala na televisão ela quer entender”, conta o pai que vê um futuro brilhante para a filha. No Piauí. (Da vida real, 2007).

“Esperando o dia de esperar ninguém, esperando enfim, nada mais além
 Que a esperança aflita, bendita, infinita do apito de um trem
 Pedro Pedreiro pedreiro esperando
 Pedro Pedreiro pedreiro esperando

Pedro Pedreiro pedreiro esperando o trem
 Que já vem...
 Que já vem
 Que já vem
 Que já vem
 Que já vem
 Que já vem
 Que já vem”
 (Chico Buarque, 1965)

3.2. “O SEU CORPO É DOS ERRANTES DOS CEGOS, DOS RETIRANTES”

“De tudo que é nego torto
 Do mangue e do cais do porto
 Ela já foi namorada
 O seu corpo é dos errantes
 Dos cegos, dos retirantes
 É de quem não tem mais nada”

Kate é o nome de guerra. Nascida em Goiânia, rumou para Brasília aos 14 anos em busca de oportunidades que a cidade parecia oferecer. Deixou a casa dos pais com os quais tinha problemas de relacionamento e foi acolhida na capital federal por uma família que lhe contratou para cuidar de gêmeos recém-nascidos. Além do salário que recebia, dormia na casa dos patrões e também ali se alimentava. Hoje com 30 anos é mãe de duas meninas, de 8 e 13 anos, e trabalha nas ruas há 13 anos.

“Dá-se assim desde menina
 Na garagem, na cantina
 Atrás do tanque, no mato
 É a rainha dos detentos
 Das loucas, dos lazarentos
 Dos moleques do internato
 E também vai amiúde
 Co'os velhinhos sem saúde
 E as viúvas sem porvir”

Com uma história de vida fascinante, a moça conta que gostava do emprego de babá e o relacionamento na casa era tranquilo, mas ela queria mais da vida. Aos 17 anos passou a procurar por uma nova chance que lhe proporcionasse uma

renda maior. Na ausência do patrão, folheava os classificados. Os anúncios de “acompanhantes executivas” atraíram a atenção da jovem.

“Ela é um poço de bondade
 E é por isso que a cidade
 Vive sempre a repetir
 Joga pedra na Geni
 Joga pedra na Geni
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni”

A medida que as crianças de quem cuidava cresciam e a *babysitter*, como faz questão de ser chamada, conquistou a confiança dos contratantes, Kate usa as noites de folga para “matar a curiosidade” sobre a profissão que se apresentava promissora. Conheceu uma cafetina que a convidou para uma experiência em um clube noturno na Asa Norte. A extinta boate Queens, famoso ponto de prostituição na 315, recebeu a menor de idade tão bem quanto Kate se adaptava ao novo ofício.

“Um dia surgiu, brilhante
 Entre as nuvens, flutuante
 Um enorme zepelim
 Pairou sobre os edifícios
 Abriu dois mil orifícios
 Com dois mil canhões assim
 A cidade apavorada
 Se quedou paralisada
 Pronta pra virar geléia
 Mas do zepelim gigante
 Desceu o seu comandante
 Dizendo - Mudei de idéia
 - Quando vi nesta cidade
 - Tanto horror e iniquidade
 - Resolvi tudo explodir
 - Mas posso evitar o drama
 - Se aquela formosa dama
 - Esta noite me servir
 Essa dama era Geni
 Mas não pode ser Geni”

A moça conta que foi a cafetina quem a instruiu sobre o uso de preservativos e métodos contraceptivos, que foram novidade para a iniciante que se considera ingênua.

As duas noites por semana em que Kate trabalhava na boate superavam financeiramente o que recebia como babá. Embora tivesse criado laços afetivos com a família para a qual trabalhava, ela lembra: “Eu era muito nova e queria ver o que a vida tinha pra me oferecer. Não podia desperdiçar essa porta que se abriu pra mim. Eu me dei bem logo de cara”.

“Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
- e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão”

A nova realidade se mostrou atraente e ela passou a se dedicar unicamente à prostituição. Alugou um apartamento na comercial da 316 Norte, onde morava em 2007, quando esta pesquisa foi feita. Apesar das recomendações da cafetina, Kate engravidou de um cliente que jamais voltou a ver.

“O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir”

Continuou trabalhando na noite enquanto a barriga não ficava evidente e pouco antes de a filha completar seis meses de vida, voltou ao batente. “Passei muita dificuldade nessa época e, mesmo que todo mundo me aconselhasse, eu não tive coragem de abortar minha filha. Se eu tivesse, nessa época, a cabeça que eu tenho hoje, acho que não teria tido menino tão nova, mas não acho certo matar um filho que está dentro da gente”, fala com convicção.

Foi trabalhando com o corpo que Kate conheceu um cliente que veio a se tornar seu marido. A filha mais velha foi registrada pelo parceiro e um ano depois de oficializarem a união Kate engravida da segunda filha. Em comum acordo com o esposo, só voltou a trabalhar depois de a menina ter o primeiro ano de vida completo.

“Foram tantos os pedidos
Tão sinceros tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado”

A partir deste momento, o marido demonstrou ciúme que a mulher qualifica como doentio. Agressões, verbais e físicas, passaram a se tornar recorrentes e as discussões cada vez mais sérias a ponto de Kate ter sido encarcerada na própria casa por dois dias pelo esposo.

O desejo de separar coincidiu com um convite de um agente que providenciava documentos e emprego para prostitutas que quisessem seguir para a Europa. Deixou as filhas sob a guarda dos sogros, convenceu o marido que a mudança seria temporária e ao retornar abandonaria a profissão e para retomarem a vida conjugal. Morou dez meses em Portugal agenciada por um brasileiro e trabalhando numa boate que, conta a moça, empregava muitas outras brasileiras que migraram para a Europa na mesma condição e viviam da prostituição.

“E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado”

Fazendo programas conheceu um português que a levou para morar em Paris, onde residia e trabalhava o amante. Kate afirma não ter se adaptado à Cidade Luz e resolveu voltar para Portugal, onde tinha emprego, amigos e não tinha problemas com a língua local. Preso pelo emprego, o europeu não pode acompanhar a brasileira e o relacionamento estável não chegou a durar dois meses. A moça declara que o ex-amante se tornou obcecado e perigoso, passou a persegui-la, abandonou o emprego e quis obrigá-la a retornar a Paris. Assustada, pediu proteção aos seguranças da boate

portuguesa para onde voltou a trabalhar e, certa vez, em uma das investidas do rapaz na tentativa de tentar conquistá-la, este foi atacado por dois funcionários da casa noturna preparados para afugentar os freqüentadores que viessem a causar tumulto ou ameaçar a integridade física das funcionárias da casa. Kate relembra: “Espancaram mesmo, ele quase morreu. Foi parar no hospital, mas saiu logo. Mas aí fez da minha vida um inferno. Me ameaçava, me seguia, me assustava. Mas nunca chegou a me fazer mal. Com medo, resolvi voltar pro Brasil”.

“Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir”
(Chico Buarque, 1977)

Conta que as economias que tinha eram suficientes para comprar a passagem, mas não sobrava muito. Voltou assim mesmo. Pelas ruas de Brasília também já sofreu agressões físicas, verbais e se diz intimidada pelos vizinhos e transeuntes, que apontam e gritam obscenidades. Escapou de uma tentativa de estrangulamento e fugiu de um cliente “atormentado” que andava armado. Mas diz não ter medo da rua nem das pessoas. E revela seu único temor: “Que minhas filhas descubram que eu minto pra elas. As meninas acham que eu trabalho numa pousada, não podem nem sonhar com o que eu faço de verdade”, dramatiza. E explica: “Preconceito até eu tenho. As meninas que eu conheço na vida são amigas da rua, eu não misturo com as pessoas que eu tenho em casa. Essa vida não é vida boa”. Nos planos da moça estão encontrar um homem que a tenha com exclusividade e que lhe proporcione a chance de concluir o ensino fundamental para realizar o sonho: estudar psicologia. Freud explica! (Da vida real, 2007).

3.3. “E NA SUA MENINICE, ELE UM DIA ME DISSE QUE CHEGAVA LÁ”

“Quando, seu moço
 Nasceu meu rebento
 Não era o momento
 Dele rebentar...”

Aos dez anos de idade Robson Sousa fez questão de me corrigir quando escrevi o sobrenome com z. Há três anos trabalha durante o dia na comercial da 307 Norte, no Plano Piloto, em Brasília. Lava e vigia carros, faz malabarismo nos sinais de trânsito e algumas vezes recolhe papelão que leva para reciclagem como forma de complementar a renda que conquista diariamente nas ruas. Mora com os pais, o tio e a irmã de sete anos na Vila Guaira, no Céu Azul, entorno do Distrito Federal. A viagem de casa para o “trabalho” lhe toma 1 hora e a passagem custa R\$2,50.

“Já foi nascendo
 Com cara de fome
 E eu não tinha nem nome
 Prá lhe dar...”

Quando não volta para casa, dorme com o tio Carlos no que chama de cabana e consiste em uma cobertura de papelão e plástico montada sobre a grama na calçada entre o restaurante Talher Brasil e a lanchonete Mc Donalds. O menino garante que não entra água quando chove. Contudo o menor costuma voltar pra casa diariamente com duas marmitas que divide com os outros quatro moradores do casebre no Céu Azul que, conta tranqüilamente, não conseguem se alimentar devidamente sem a ajuda do primogênito.

“Já foi nascendo
 Com cara de fome
 E eu não tinha nem nome
 Prá lhe dar...”

De acordo com estimativa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho do Distrito Federal, pelo menos 10% das crianças e adolescentes encontram-se em situação de risco.

Filho de pai baiano e mãe carioca de Nova Iguaçu, Robson conta que o pai tem o ofício de assistente de pedreiro e a mãe não trabalha fora porque precisa cuidar da irmã, Luíza (7), que não teria com quem deixar. “Quando estou em casa também ajudo a cuidar dela”, orgulha-se. O ordenado do patriarca não é suficiente para garantir

aos filhos e esposa uma condição mínima de vida e o menino conta que acumula por semana, em média, R\$100,00.

“Como fui levando
Não sei lhe explicar...”

Desse montante, Robson faz compras de supermercado e leva mantimentos para abastecer a família: “arroz, feijão, carne, frango que eu mesmo vou lá comprar pra levar pra mãe fazer pra gente”, revela com brilho nos olhos. Costuma gastar R\$30,00 por semana nas compras e o restante do dinheiro é entregue ao pai que está juntando para reformar a casa, que está ruindo e ameaça desabar: “Está perigoso, tem uma rachadura na parede e qualquer dia cai tudo em cima da gente”, se preocupa.

“Fui assim levando
Ele a me levar...
E na sua meninice
Ele um dia me disse
Que chegava lá...”

Robson declara que nunca sofreu agressão física, na rua ou em casa, mas que presencia com frequência cenas que preferiria não ver. “Lá (na Vila Guáira, Céu Azul) é uma boca, uma favela. Tem muita droga, tiroteio todo dia. A polícia entra na casa da gente, bate em todo mundo. Misturam vagabundo com a gente.” Robson ainda conta que já viu crianças de rua apanhando da polícia sem motivo, “por maldade mesmo”.

“Olha aí!
Olha aí!
Olha aí!
Aí o meu guri
Olha aí!
Olha aí!
É o meu guri
E ele chega...”

A criança narrou a trágica e heróica história de Zeca, amigo, vizinho e parceiro de futebol: “A gente jogou bola e foi pra casa. De madrugada teve uns tiros. Um monte de malandro invadiu a casa dele pra roubar e atiraram na mãe dele e ele enfiou na frente dela pra proteger. A bala fincou nele e ele morreu. Mas a mãe dele nem machucou”, conclui com olhar distante e consentindo a atitude do amigo assassinado

aos nove anos. “A gente nem pensa, só não pode deixar os traficantes matar a mãe da gente”, concluiu.

“Chega suado
E veloz do batente
E traz sempre um presente
Prá me encabular...”

O menor admite que poderia ajudar mais em casa se trabalhasse para os traficantes, mas diz não gostar de drogas ou de bandidos, embora alguns dos seus amigos tenham cedido ao apelo financeiro e trabalhem para os donos dos pontos de venda de drogas próximos à sua casa.

“Tanta corrente de ouro
Seu moço
Que haja pescoço
Prá enfiar...”

Como se lembrasse por um instante de que ainda é criança, Robson revela que brinca de bola, futebol, e gosta de jogar vídeo game. A televisão da família está quebrada e a imagem perdeu a cor e o jogo eletrônico é um sonho de consumo distante da realidade atual de Robson.

“Me trouxe uma bolsa
Já com tudo dentro
Chave, caderneta
Terço e patuá...”

Ele conta que, quando ele consegue ganhar mais dinheiro do que esperava, se permite gastar algum nas casas de jogos da asa norte. A precariedade em que vive é tamanha que o menino afirma ter hoje uma camiseta, uma bermuda e um chinelo. “Eu lavo e coloco atrás da geladeira pra secar rápido pra usar no outro dia”, ensina.

“Um lenço e uma penca
De documentos
Prá finalmente
Eu me identificar...
Olha aí!”

Como qualquer garoto, Robson pretende estudar e fazer faculdade. Ele diz cursar a 5ª série do ensino fundamental numa escola do Céu Azul, mas a diretora da Escola Municipal Ulysses Guimarães, única escola na Vila Guaíra, afirma que menores de 16 anos não são aceitos como alunos do período noturno.

“Chega no morro
 Com o carregamento
 Pulseira, cimento
 Relógio, pneu, gravador...
 Rezo até ele chegar
 Cá no alto
 Essa onda de assaltos
 Está um horror...
 Eu consolo ele
 Ele me consola...
 Boto ele no colo
 Prá ele me ninar.”

Os planos de Robson para o futuro atingem as alturas e ele planeja ingressar para a vida militar e ser piloto da Aeronáutica. “Não sei se é o governo ou se é o meu trabalho, tanto faz. Eu quero uma vida melhor”, clama o guri como se pedisse socorro a quem possa ouvi-lo. (Da vida real, 2007).

“De repente acordo
 Olho pro lado
 E o danado
 Já foi trabalhar
 Olha aí!
 Chega estampado
 Manchete, retrato
 Com venda nos olhos
 Legenda e as iniciais...
 Eu não entendo essa gente
 Seu moço
 Fazendo alvoroço
 Demais...
 O guri no mato
 Acho que tá rindo
 Acho que tá lindo
 De papo pro ar
 Desde o começo
 Eu não disse
 Seu moço
 Ele disse que chegava lá...”
 (Chico Buarque, 1981)

CONCLUSÃO

A apuração que tornou este trabalho possível foi tão complexa quanto prazerosa. Para tentar comprovar a proposta inicial, busquei compreender a leitura do compositor sobre a própria obra. Para tanto, além dos livros publicados sobre a vida e obra de Chico Buarque, li todas as entrevistas publicadas no *site* oficial para tentar entender Chico por ele mesmo. Assisti os 13 *DVDs* de “*Chico A Série*” (2006, EMI), que contém depoimentos e entrevistas de Chico, bem como li artigos publicados relacionados ao compositor. A postura sempre recatada e discreta não condiz com as letras embriagantes e apaixonadas, tampouco a humildade é proporcional ao papel desempenhado pelo artista de tantas denúncias e protestos, embora a atuação de Chico nunca tenha se revelado ativa fora da arte, como mostram as biografias e entrevistas.

O trabalho jornalístico, porém, foi certamente o ponto alto do desenvolvimento do trabalho. Os contatos com o operário, com a prostituta e com o menor de rua foram, mais que difíceis, um aprendizado inenarrável que faz valer o conhecimento adquirido na academia. Entrar na vida dos três personagens, revirar o passado com perguntas instigantes e dolorosas exigiram uma frieza que não me é característica. Confesso ter-me envolvido com a história de vida de Vando, Kate e Robson, mas não a ponto de perder o foco da entrevista. Por alguns instantes parecíamos pertencer ao mesmo contexto, o que fez com que as entrevistas virassem uma conversa quase íntima, como aquelas que se pode ter durante um lanche com um velho conhecido. Ao final de cada encontro, no entanto, tive que conter o choro e a vontade de entrar na vida de cada um para torná-la menos sofrível, como se eu tivesse ascendência sobre a vida e destino destes e até pudesse escrever a letra de uma canção e dar a ela o final que desejasse. Pegaria o pedreiro e despacharia de avião com a família para a terra natal. Tenho certeza que Vando se viraria bem na cidade de

origem, perto da mãe e dos irmãos. Kate precisa fazer um supletivo, arrumar um emprego que lhe dê condições de manter uma vida digna também às filhas e, quem sabe, pode conhecer um rapaz que a faça entender que o amor não pode ser comprado. E o Robson! Ah, esse eu levaria pra casa, dar-lhe-ia roupas limpas para vestir depois de um bom banho, comprar-lhe-ia uniforme, cadernos coloridos de capa dura e canetas de muitas cores para que tomasse gosto pelos estudos. Até consigo imaginar a carreira de aviador que o aguarda. Mas nada disto está ao meu alcance. Talvez Vando nunca tenha viajado de avião ou sequer goste da idéia de voar. Se a solução fosse tão simples ele já a teria tornado real. Quem sou eu para saber se, para Kate, sair das ruas e arrumar um emprego diurno é a melhor opção para a moça? Pode ser que com um trabalho convencional ela não consiga manter o padrão de vida que proporciona às filhas nem tenha qualquer ilusão ou intenção de encontrar esse tal amor verdadeiro de que tanto se fala. Ela pode conhecer outro tipo de amor e se dar por satisfeita. Robson fala da mãe com uma devoção que sensibilizaria muitos. Não creio que planeje um futuro melhor que não inclua a família nuclear que tanto preza. O que eu pude fazer por eles, por enquanto, foi este trabalho.

O abismo social fica muito mais evidente e traiçoeiro quando a impotência se apresenta maior que a comoção. E caso eu tivesse o poder de redirecionar as histórias de vida de Vando, Kate e Robson, ainda assim, quantos outros em situações semelhantes precisariam de ajuda?

E ainda é preciso reforçar que foram trabalhados três de tantas faces de marginalizados que poderiam ser foco deste estudo.

Os números apresentados neste trabalho denunciam a falta de infraestrutura no Distrito Federal e entorno que, desde a construção de Brasília, têm sido povoada por migrantes, principalmente de origem nordestina. A explosão demográfica, a precariedade de opções de lazer, o baixo poder aquisitivo frente ao apelo incessante do consumismo, o desemprego ou subemprego, a falta de acesso à assistência médica, à escola, água encanada, esgotamento sanitário. A carência no atendimento das necessidades básicas tem como consequência o aumento da violência, do consumo abusivo de álcool, o envolvimento com entorpecentes, para consumo ou tráfico. Não

cabe aqui questionar as ações políticas cabíveis ou apontar responsáveis pelo panorama descrito. É pertinente, todavia, a discussão do papel do jornalismo diante das questões sociais que se apresentam e o desempenho da função de divulgar o que seja de interesse público.

Se por um lado o jornalismo tem a função de denunciar e dar voz ao povo, também a arte pode fazê-lo. Percebe-se nas músicas selecionadas para estudo, *Pedro Pedreiro* (1965), *Geni e o Zepelim* (1977) e *O Meu Guri* (1985), a intenção do compositor de provocar o público ao entrar em contato com o universo do operário, da prostituta ou do menor infrator. A narrativa repleta de vida, de sentimentos e humanidade dos marginalizados, cantados em prosa e verso, parecem tirar da zona de conforto as classes abonadas que Chico afirma ser o público consumidor de arte.

A trajetória das personagens exploradas nas canções de Chico Buarque são passíveis de comparação com a vida das três personagens que encontrei e entrevistei pelas ruas do Plano Piloto, como nas reportagens que constam no Terceiro Capítulo: Vando, Kate e Robson. Pedro e Vando, Geni e Kate, Guri e Robson foram a ferramenta utilizada para trazer a arte para a vida real. Importante ressaltar que as três composições estudadas foram escritas em períodos diferentes da carreira de Chico Buarque. *Pedro Pedreiro* foi composta em 1965, *Geni e o Zepelim* em 1977 e gravada no ano seguinte e *O Meu Guri*, a mais recente das três, em 1981. Vando, Kate e Robson foram entrevistados para a realização deste trabalho em setembro e outubro de 2007, durante a pesquisa e apuração dos dados para composição deste estudo. As letras das canções poderiam, por sua atualidade, terem sido escritas hoje, agora, sem que nenhuma frase ou verso esteja em descompasso com o momento vivido. O teor social consubstanciado nas letras das músicas trabalhadas merece hoje tanta atenção quanto na época em que foram escritas. Comprova-se assim a hipótese proposta: a poesia é universal e atemporal, enquanto a notícia se repete. Chico Buarque, o artista responsável pela composição das músicas que 42, 30 e 26 anos depois ainda se traduzem a veracidade e inquietude das vidas marginais do operário, da prostitua e do menino de rua, é um cronista do cotidiano, o instrumento que dá voz aos marginalizados e excluídos.

O tema abordado neste trabalho merece um estudo mais profundo e abrangente. Outras canções poderiam ter sido objeto de análise e comparação e outras fontes consultadas para corroborar o que aqui, pressuponho, foi comprovado.

Pretendo continuar a pesquisa sem as limitações que o trabalho de conclusão de estudo nos impinge para, oportunamente, transformar este trabalho em um livro-reportagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**, DF: Senado, 1988.

BUARQUE, Chico. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERNANDES, Rinaldo (org.). *Chico Buarque do Brasil: texto sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SILVA, Fernando Barros e. *Chico Buarque*. São Paulo. Publifolha, 2004.

WERNECK, Humberto. Gol de Letras. In: *Chico Buarque: letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

On-line:

BRANCO, Alberto Manuel Vara. *A Ética e a informação: O Jornalista como profissional e o jornalista como pessoa*. Prof. Disponível no site: <http://www.ipv.pt/forumedia/6/9.pdf>

GATTI, Bruna Papaiz. Um retrato dos jovens do CAJE. Secretaria de Comunicação – Sociol. prof. [online]. Disponível no site: <<http://www.secom.unb.br/bcopauta/sociologia7.htm> >, Acesso em: 22 out. de 2007.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo, saúde e cidadania*. Jornal. prof. [online]. fev. 2008, vol.4, no.6, p.181-186. Disponível no site: <http://www.interface.org.br>

LANZELLOTTI, Andressa. *DESENVOLVIMENTO - Desemprego cai no DF*, [citado 25 Julho 2007], Agência de Comunicação. Disponível em: <http://www.districtofederal.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=51911>. Acesso em: 22 out. de 2007.

LEITE, Geraldo – disponível em <www.chicobuarque.com.br>.

MARTINS, Christian Alves, *O Inconformismo Social no Discurso de Chico Buarque*. Revista de História e Estudos Culturais, jun. de 2005. Pág. 5. Histor. Prof., abr.mai. jun. 2005, vol.2, ano.II,n.º 5. ISSN 1807-6971.

MORAES, Rodrigo. *O alarido das vidas marginais na obra de Chico Buarque*. Psicol. cienc. prof. [online]. dez. 2004, vol.24, no.4 [citado 03 Outubro 2007], p.30-41. Disponível no site: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400005&lng=pt&nrm=iso >. ISSN 1414-9893.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. *A cidade no espelho: breve recorte na obra de Chico Buarque*. PhD em Letras, prof. Alceu, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 139-152, 2005. Disponível no site: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/Alceu_n11_Paraizo.pdf>

TRAVANCAS, Isabel. *De Pedro Pedreiro ao Barão da ralé - o trabalhador e o malandro na música de Chico Buarque de Holanda*. Jornal. prof. [online].. Disponível no site: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/artigo_isabel_travancas.pdf>

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. *Os novos candangos* - Pesquisa da UnB compara o perfil de migrantes que chegaram ao DF e entorno em 1970 e em 2000. Secretaria de Comunicação – Estat. prof. [online]. Disponível no site: <<http://www.secom.unb.br/bcopauta/geografia5.htm>>, Acesso em: 22 out. de 2007.

Pesquisa da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação – SEDUH. Coordenação de Geral Subsecretaria de Política Urbana e Habitação - *Aspectos da População e Situação dos Domicílios do Distrito Federal* – Informe Demográfico. Brasília 2004, Disponível no site: <http://www.seduh.df.gov.br/sites/100/155/Publicacoes/aspecto_populacao_df/index.html>, Acesso em: 22 out. de 2007.

Pesquisa do Ministério do Trabalho e Emprego – *Profissionais do sexo* - CBO - Classificação Brasileira de Ocupações - 2002. Brasília 2004. Disponível no site: <<http://www.mteco.gov.br/busca.asp>>. Acesso em: 22 out. de 2007.

CD e DVD:

Chico Buarque de Hollanda, 1966.

Chico Buarque de Hollanda, vol. 2, 1967.

Chico Buarque de Hollanda, vol. 3, 1968.

Chico Buarque na Itália, 1969.

Chico Buarque de Hollnada, vol.4, 1970.

Construção, 1970.

Quando o carnaval chegar, 1972.

Caetano e Chico juntos e ao vivo, 1972.

Chico canta, 1973.

Sinal fechado, 1974.

Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo, 1975

Meus caros amigos, 1976.

Os saltimbancos, 1977.

Gota d'água, 1977.

Chico Buarque, 1978.

Ópera do malandro (a peça), 1979.

Vida, 1980.

Almanaque, 1981
Saltimbancos trapalhões, 1981.
Para viver um grande amor, 1983.
O grande circo místico, 1983.
Chico Buarque, 1984.
O corsário do rei, 1985.
Ópera do malandro (o filme), 1985.
Malandro, 1985.
Melhores momentos de Chico & Caetano, 1986.
Francisco, 1987.
Dança da meia-lua, 1988.
Chico Buarque, 1989.
Chico Buarque ao vivo Paris Le Zenith, 1990.
Paratodos, 1993.
Uma palavra, 1995.
Terra, 1997.
As cidades, 1998.
Chico ao vivo, 1999.
Cambaio, 2001.
Chico Buarque – Duetos, 2002.
Carioca, 2006.
Carioca: ao Vivo- Duplo, 2007

CHICO: **A Série**. Direção: Roberto de Oliveira. Produção artística: Vinícius França. Direção de fotografia: João Wainer. Direção de produção: Celso Tavares. Edição: André Wainer. Rio de Janeiro: EMI, 2006. 13 DVD, son., color.

ANEXOS

Biscate

Chico Buarque/1993

Vivo de biscate e queres que eu te sustente
 Se eu ganhar algum vendendo mate
 Dou-te uns badulaques de repente
 Andas de pareô, eu sigo inadimplente
 Chamo você pra sambar
 Levo você pra benzer
 Fui pegar uma cor na praia
 E só faltou me bater, é
 Basta ver um rabo de saia
 Pro bobo se derreter
 Vives na gandaia e esperas que eu te respeite
 Quem que te mandou tomar conhaque
 Com o tíquete que te dei pro leite
 Quieta que eu quero ouvir Flamengo e River Plate
 Faço lelê de fubá
 Faço pitu no dendê
 Sirvo seu pitê na cama
 E nada dele comer, ai
 Telefone, é voz de dama
 Se penteia pra atender
 Vamos ao cinema, baby
 Vamos nos mandar daqui
 Vamos nos casar na igreja
 Chega de barraco
 Chega de piti
 Vamos pra Bahia, dengo
 Vamos ver o sol nascer
 Vamos sair na bateria
 Deixe de chique
 Deixe de siricotico

Bom tempo

Chico Buarque/1968

Um marinheiro me contou
 Que a boa brisa lhe soprou
 Que vem aí bom tempo
 O pescador me confirmou
 Que um passarinho lhe cantou
 Que vem aí bom tempo
 Dou duro toda a semana
 Senão pergunte à Joana
 Que não me deixa mentir
 Mas, finalmente é domingo
 Naturalmente, me vingo
 Eu vou me espalhar por aí
 No compasso do samba
 Eu disfarço o cansaço
 Joana debaixo do braço
 Carregadinha de amor
 Vou que vou
 Pela estrada que dá numa praia dourada
 Que dá num tal de fazer nada
 Como a natureza mandou
 Vou
 Satisfeito, alegria batendo no peito
 O radinho contando direito
 A vitória do meu tricolor
 Vou que vou
 Lá no alto
 O sol quente me leva num salto
 Pro lado contrário do asfalto
 Pro lado contrário da dor
 Um marinheiro me contou
 Que a boa brisa lhe soprou
 Que vem aí bom tempo
 Um pescador me confirmou
 Que um passarinho lhe cantou
 Que vem aí bom tempo
 Ando cansado da lida
 Preocupada, corrida, surrada, batida
 Dos dias meus
 Mas uma vez na vida
 Eu vou viver
 A vida que eu pedi a Deus

Com açúcar, com afeto
Chico Buarque/1966

Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa
Qual o quê
Com seu terno mais bonito
Você sai, não acredito
Quando diz que não se atrasa
Você diz que é operário
Vai em busca do salário
Pra poder me sustentar
Qual o quê
No caminho da oficina
Há um bar em cada esquina
Pra você comemorar
Sei lá o quê

Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo futebol
E ficar olhando as saias
De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol
Vem a noite e mais um copo
Sei que alegre ma non troppo
Você vai querer cantar
Na caixinha um novo amigo
Vai bater um samba antigo
Pra você memorar

Quando a noite enfim lhe cansa
Você vem feito criança
Pra chorar o meu perdão
Qual o quê
Diz pra eu não ficar sentida
Diz que vai mudar de vida
Pra agradar meu coração
E ao lhe ver assim cansado
Maltrapilho e maltratado
Ainda quis me aborrecer
Qual o quê
Logo vou esquentar seu prato
Dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você

Construção
Chico Buarque/1971

Amou daquela vez como se fosse a
última
Beijou sua mulher como se fosse a
última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo
tímido
Subiu a construção como se fosse
máquina
Ergueu no patamar quatro paredes
sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e
lágrima
Sentou pra descansar como se fosse
sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse
um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um
náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse
música
E tropeçou no céu como se fosse um
bêbado
E flutuou no ar como se fosse um
pássaro
E se acabou no chão feito um pacote
flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o
tráfego

Amou daquela vez como se fosse o
último
Beijou sua mulher como se fosse a
única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo
bêbado
Subiu a construção como se fosse
sólido
Ergueu no patamar quatro paredes
mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e
tráfego
Sentou pra descansar como se fosse
um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse
o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse
máquina

Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

Desafio do malandro

Chico Buarque/1985

— Você tá pensando que é da alta sociedade
 Ou vai montar exposição de souvenir de gringo
 Ou foi fazer a fé no bingo em chá de caridade
 Eu não sei não, eu não sei não
 Só sei que você vem com five o'clock, very well, my friend
 A curriola leva um choque, nego não entende
 E deita e rola e sai comentando
 Que grande malandro é você
 — Você tá fazendo piada ou vai querer que eu chore
 A sua estampa eu já conheço do museu do império
 Ou mausoléu de cemitério, ou feira de folclore
 Eu não sei não, eu não sei não
 Só sei que você vem com reco-reco, berimbau, farofa
 A curriola tem um treco, nego faz galhofa

E deita e rola e sai comentando
 Que grande malandro é você
 — Você que era um sujeito tipo jovial
 Agora até mudou de nome
 — Você infelizmente continua igual
 Fala bonito e passa fome
 — Vai ver que ainda vai virar trabalhador
 Que horror
 — Trabalho a minha nega e morro de calor
 — Falta malandro se casar e ser avô
 — Você não sabe nem o que é o amor
 Malandro infeliz
 — Amor igual ao seu, malandro tem quarenta e não diz
 — Respeite uma mulher que é boa e me sustenta
 — Ela já foi aposentada
 — Ela me alisa e me alimenta
 — A bolsa dela tá furada
 — E a sua mãe tá na rua
 — Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua
 — Eu não vou sujar a navalha nem sair no tapa
 — É mais sutil sumir da Lapa
 — Eu não joga a toalha
 — Onde é que acaba essa batalha?
 — Em fundo de caçapa
 — Eu não sei não, eu não sei não
 — Só sei que você perde a compostura quando eu pego o taco
 A curriola não segura, nego coça o saco
 E deita e rola e sai comentando
 Que grande malandro é você

Geni e o Zepelim

Chico Buarque/1977-1978

De tudo que é nego torto
 Do mangue e do cais do porto
 Ela já foi namorada
 O seu corpo é dos errantes
 Dos cegos, dos retirantes
 É de quem não tem mais nada
 Dá-se assim desde menina
 Na garagem, na cantina
 Atrás do tanque, no mato
 É a rainha dos detentos
 Das loucas, dos lazarentos
 Dos moleques do internato

E também vai amiúde
 Co'os velhinhos sem saúde
 E as viúvas sem porvir
 Ela é um poço de bondade
 E é por isso que a cidade
 Vive sempre a repetir
 Joga pedra na Geni
 Joga pedra na Geni
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni
 Um dia surgiu, brilhante
 Entre as nuvens, flutuante
 Um enorme zepelim
 Pairou sobre os edifícios
 Abriu dois mil orifícios
 Com dois mil canhões assim
 A cidade apavorada
 Se quedou paralisada
 Pronta pra virar geléia
 Mas do zepelim gigante
 Desceu o seu comandante
 Dizendo - Mudei de idéia
 - Quando vi nesta cidade
 - Tanto horror e iniquidade
 - Resolvi tudo explodir
 - Mas posso evitar o drama
 - Se aquela formosa dama
 - Esta noite me servir
 Essa dama era Geni
 Mas não pode ser Geni
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni
 Mas de fato, logo ela
 Tão coitada e tão singela
 Cativara o forasteiro
 O guerreiro tão vistoso
 Tão temido e poderoso
 Era dela, prisioneiro
 Acontece que a donzela
 - e isso era segredo dela
 Também tinha seus caprichos
 E a deitar com homem tão nobre
 Tão cheirando a brilho e a cobre
 Preferia amar com os bichos
 Ao ouvir tal heresia
 A cidade em romaria
 Foi beijar a sua mão
 O prefeito de joelhos
 O bispo de olhos vermelhos
 E o banqueiro com um milhão
 Vai com ele, vai Geni

Vai com ele, vai Geni
 Você pode nos salvar
 Você vai nos redimir
 Você dá pra qualquer um
 Bendita Geni
 Foram tantos os pedidos
 Tão sinceros, tão sentidos
 Que ela dominou seu asco
 Nessa noite lancinante
 Entregou-se a tal amante
 Como quem dá-se ao carrasco
 Ele fez tanta sujeira
 Lambuzou-se a noite inteira
 Até ficar saciado
 E nem bem amanhecia
 Partiu numa nuvem fria
 Com seu zepelim prateado
 Num suspiro aliviado
 Ela se virou de lado
 E tentou até sorrir
 Mas logo raiou o dia
 E a cidade em cantoria
 Não deixou ela dormir
 Joga pedra na Geni
 Joga bosta na Geni
 Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir
 Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni

Gente humilde

Garoto - Vinicius de Moraes - Chico
 Buarque/1969

Tem certos dias
 Em que eu penso em minha gente
 E sinto assim
 Todo o meu peito se apertar
 Porque parece
 Que acontece de repente
 Feito um desejo de eu viver
 Sem me notar
 Igual a como
 Quando eu passo no subúrbio
 Eu muito bem
 Vindo de trem de algum lugar
 E aí me dá
 Como uma inveja dessa gente
 Que vai em frente
 Sem nem ter com quem contar
 São casas simples
 Com cadeiras na calçada
 E na fachada

Escrito em cima que é um lar
 Pela varanda
 Flores tristes e baldias
 Como a alegria
 Que não tem onde encostar
 E aí me dá uma tristeza
 No meu peito
 Feito um despeito
 De eu não ter como lutar
 E eu que não creio
 Peço a Deus por minha gente
 É gente humilde
 Que vontade de chorar

Linha de montagem
 Novelli - Chico Buarque/1980

Linha linha de montagem
 A cor a coragem
 Cora coração
 Abecê abecedário
 Opera operário
 Pé no pé no chão

Eu não sei bem o que seja
 Mas sei que seja o que será
 O que será que será que se veja
 Vai passar por lá

Pensa pensa pensamento
 Tem sustém sustento
 Fé café com pão
 Com pão com pão companheiro
 Pára paradeiro
 Mão irmão irmão

Na mão, o ferro e ferragem
 O elo, a montagem do motor
 E a gente dessa engrenagente
 Dessa engrenagente
 Dessa engrenagente
 Dessa engrenagente sai maior

As cabeças levantadas
 Máquinas paradas
 Dia de pescar
 Pois quem toca o trem pra frente
 Também de repente
 Pode o trem parar

Eu não sei bem o que seja
 Mas sei que seja o que será
 O que será que será que se veja

Vai passar por lá

Gente que conhece a prensa
 A brasa da fornalha
 O guincho do esmeril
 Gente que carrega a tralha
 Ai, essa tralha imensa
 Chamada Brasil

Samba samba são Bernardo
 Sanca são Caetano
 Santa santo André
 Dia-a-dia diadema
 Quando for, me chame
 Pra tomar um me

Marcha para um dia de sol
 Chico Buarque/1964

Eu quero ver um dia
 Nascer sorrindo
 E toda a gente
 Sorrir com o dia
 Com alegria
 Do sol do mar
 Criança brincando
 Mulher a cantar

Eu quero ver um dia
 Numa só canção
 O pobre e rico
 Andando mão e mão
 Que nada falte
 Que nada sobre
 O pão do rico
 E o pão do pobre

Eu quero ver um dia
 Todos trabalhar
 E ao fim do dia
 Ter onde voltar
 E ter amor
 Eu quero ver a paz
 Tristeza nunca mais
 Eu quero tanto um dia
 O pobre ver sem frio
 E o rico com coração

Eu quero ver um dia
 Numa só canção
 O pobre e rico
 Andando mão e mão
 Que nada falte

Que nada sobre
O pão do rico
E o pão do pobre

Eu quero ver um dia
Todos trabalhar
E ao fim do dia
Ter onde voltar
E ter amor
Eu quero ver a paz
Tristeza nunca mais
Eu quero tanto um dia
O pobre ver sem frio
E o rico com coração

Morro Dois Irmãos
Chico Buarque/1989

Dois Irmãos, quando vai alta a
madrugada
E a teus pés vão-se encostar os
instrumentos
Aprendi a respeitar tua prumada
E desconfiar do teu silêncio

Penso ouvir a pulsação atravessada
Do que foi e o que será noutra
existência
É assim como se a rocha dilatada
Fosse uma concentração de tempos

É assim como se o ritmo do nada
Fosse, sim, todos os ritmos por dentro
Ou, então, como uma música parada
Sobre uma montanha em movimento

Paratodos
Chico Buarque/1993

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro

Foi Antonio Brasileiro
Quem soprou esta toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas

Ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Cria, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius
Beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethania, Rita, Clara
Evoé, jovens à vista

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro

Pedro Pedreiro
Chico Buarque/1965

Pedro pedreiro penseiro esperando o
trem
Manhã, parece, carece de esperar
também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro fica assim pensando
Assim pensando o tempo passa
E a gente vai ficando pra trás
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento

Desde o ano passado
Para o mês que vem

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o carnaval
E a sorte grande no bilhete pela federal
Todo mês
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
Para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também

Pedro pedreiro penseiro esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro está esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro norte
Pedro não sabe mas talvez no fundo
Espera alguma coisa mais linda que o mundo
Maior do que o mar
Mas pra que sonhar
Se dá o desespero de esperar demais
Pedro pedreiro quer voltar atrás
Quer ser pedreiro pobre e nada mais
Sem ficar esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento para o mês que vem
Esperando um filho pra esperar também
Esperando a festa
Esperando a sorte
Esperando a morte
Esperando o norte
Esperando o dia de esperar ninguém
Esperando enfim nada mais além
Da esperança aflita, bendita, infinita
Do apito do trem

Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando
Pedro pedreiro pedreiro esperando o trem
Que já vem, que já vem, que já vem

O meu guri Chico Buarque/1981

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato

Com venda nos olhos, legenda e as
iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu
moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri

Olê, olá
Chico Buarque/1965

Não chore ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar
Felicidade aqui
Pode passar e ouvir
E se ela for de samba
Há de querer ficar

Seu padre, toca o sino
Que é pra todo mundo saber
Que a noite é criança
Que o samba é menino
Que a dor é tão velha
Que pode morrer
Olê olê olê olá
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado
Não vale chorar

Não chore ainda não
Que eu tenho uma razão
Pra você não chorar
Amiga me perdoa
Se eu insisto à toa
Mas a vida é boa
Para quem cantar

Meu pinho, toca forte
Que é pra todo mundo acordar
Não fale da vida
Nem fale da morte
Tem dó da menina
Não deixa chorar
Olê olê olê olá

Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado
Não vale chorar

Não chore ainda não
Que eu tenho a impressão
Que o samba vem aí
E um samba tão imenso
Que eu às vezes penso
Que o próprio tempo
Vai parar pra ouvir

Luar, espere um pouco
Que é pro meu samba poder chegar
Eu sei que o violão
Está fraco, está rouco
Mas a minha voz
Não cansou de chamar
Olê olê olê olá